

## ABORDAGEM ESTILÍSTICA POÉTICA DE PAULO CORRÊA LOPES

Elvo Clemente

### Dados biográficos

Paulo Corrêa Lopes nasceu na cidade de Itaqui, Rio Grande do Sul, em 19 de julho de 1898. Era filho de José Corrêa Lopes, natural da mesma cidade, engenheiro diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e de D. Maria Dolores Musa Lopes, natural da cidade mineira de Virgínia. O engenheiro Corrêa Lopes, quando estudante, se tornou positivista, doutrina que professou até o seu falecimento, ocorrido prematuramente. Órfão aos 11 anos de idade, o futuro poeta mudou-se com sua mãe e irmãos para o Estado de São Paulo e matriculou-se no grupo escolar "Prudente de Moraes", da Capital, onde só então aprendeu a escrever, aos doze anos. Concluído o primário, ingressou na Escola Normal (então na Praça da República), pela qual se diplomou em 1918. Sorteado, voltou à cidade natal, onde prestou o serviço militar (1920-1921) e foi após tentar a vida no Rio de Janeiro, atraído pelo ambiente literário. Colaborou em revistas e jornais do Rio e São Paulo e fez amizades e relações nos círculos intelectuais de ambas as cidades. Passou parte do ano de 1922 em São Paulo, aonde voltou em 1926, com o objetivo de se fixar naquele Estado. Nesse mesmo ano foi contratado para reger, na fazenda de São Jerônimo, de propriedade de Albuquerque Lins, uma classe de primeiras letras, ali permanecendo até começos de 1929.

Deixando o emprego, ao qual não se afeiçoara, voltou à Capital, mas em agosto de 1929 resolveu mudar-se definitivamente para Porto Alegre, onde residiu até falecer.

Exerceu, assim, várias atividades: professor de primeiras letras; funcionário da Comissão Rockefeller, em Brodowski, no cargo de secretário da comissão local (1920); redator de jornais; redator e gerente da "Agência Star", no Rio, ao tempo do governo Bernardes; prático de farmácia na cidade paulista de Casa Branca; oficial administrativo da Secretaria do Interior do Rio Grande do Sul, cargo em que se aposentou em 1948. Foi redator do "Jornal o Estado", de Porto Alegre. Converteu-se ao catolicismo em 1933 e praticou-o com fervor e piedade. Casou em 19 de julho de 1939 com a srta. D. Íris Potthoff, diplomada em Direito, e do casal houve dois filhos.

— José Paulo e Antônio Luís. Faleceu no hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, na capital gaúcha, depois de receber todos os sacramentos, à uma hora da manhã de 9 de setembro de 1957. Seus restos mortais repousam em jazigo de família, no cemitério da mesma sociedade.

## II Visão Geral e método

A poesia de Corrêa Lopes nos transmite uma experiência pessoal dos fenômenos da natureza, da contingência dos seres criados, do absoluto do Incriado. Não é sem motivo que Angelo Ricci o caracterizou como "poeta dell' esperienza". (1).

Estudando-lhe a obra: Poemas de mim mesmo, 1931; Caminhos, 1932; Poemas da Vida e da Morte, 1938; Um caso Estranho, 1942; Canto de libertação, 1943; Novos poemas, 1958; notamos que a experiência poética se realiza entre dois polos: o temporal e o eterno. Vida no tempo para a eternidade.

O mundo poético natural não lhe satisfaz os anseios da alma insaciável. Em todas essas páginas provamos a insatisfação do homem que, cantando a si mesmo, cantando os fenômenos da natureza, procura penetrar nos segredos das cousas, no que elas têm de revelação, de símbolo e de perenidade.

Poesia fenomenológica, estudo e contemplação das realidades cotidianas, percebidas por todos os olhos e não interpretadas com o sabor que lhes dá o poeta. Quem lê superficialmente Corrêa Lopes não vê senão uma pequena poesia esparsa em pequenos poemas, quase diríamos *hai-kais*; adentrando, porém, o sentido de sua mensagem e sua criação artística, reconhecemos uma poesia vigorosa, profunda, que canta os fatos comuns da existência dando-lhes um significado trans-

cidental. Canta o fenômeno e nos eleva muito além daquilo que percebem os sentidos exteriores.

A paisagem do poeta é aparentemente simples, despida das riquezas ornamentais dos românticos ou dos gongóricos; é uma paisagem informada por sua alma, educada na ampliação dos pampas, nos serenos horizontes da campanha e nas ondulações das coxilhas, imitadoras das vagas do mar. O poeta cria a sua paisagem, plasma as coisas de acordo com os seus estados de alma. A intuição idealiza, projeta e cria. Como escrevia Amiel, em 31 de outubro de 1852: "Qualquer paisagem é um estado de alma, e quem ler uma outra, ficará maravilhado ao encontrar semelhança em todos os pormenores". (2)

A paisagem singela de Corrêa Lopes revela a sua visão poética, resultado de sua intuição e vivência do meio ambiente. Azorin diz claramente: "O que dá a medida de um artista é seu sentimento da natureza, da paisagem. Um escritor será tanto mais artista quanto melhor soube interpretar a emoção da paisagem... Para mim a paisagem é o grau mais alto da arte literária." (2) Baseados no depoimento do grande escritor espanhol, vemos a importância da poesia de Corrêa Lopes nos painéis diminutos, rápidos e de um colorido quase espiritual. A alma do poeta pintava as miniaturas que hoje temos na "Obra Poética"; a alma se extravasava nas pinceladas que imortalizam um artista. Muita razão tinha Ortega y Gasset quando dizia: "O meio ambiente não depende tão somente de nossa estrutura corporal, como também da estrutura psicológica. Cada indivíduo possui um sistema de atenção, considera umas cousas e não vê outras". (2)

Corrêa Lopes não permanece na superfície da paisagem, desce às profundezas quer sentir-se a alma, penetrar-lhe o cerne.

"Vamos sentir a alma das cousas  
num beijo mais longo que nos faça acreditar  
que fomos nós que acendemos as estrelas no céu". (3)

A poesia é mais profunda que as exterioridades dos sons e das cores. A poesia é compreensão, intuição da alma. Existe a parte material necessária aos nossos sentidos, à percepção exterior. Existe a forma que tem sua razão de ser no fundo, no sentido que é a mensagem do poeta. Em Corrêa Lopes caracteriza-se bem a relação entre forma e fundo: elemento material portador de uma mensagem extraterrena sobrenatural eterna. A ânsia do poeta procura desvendar o mistério, o sobrenatural, o eterno que anda nas cousas, nos seres.

“Intuição, olhar de Deus em nós,  
deixa-me penetrar o meu ser até o âmago”. (4)

A penetração dos seres, a interpretação da alma das cousas está intimamente ligada ao eterno, ao transcendente. O segredo das cousas se desvenda àquele a quem Deus revela o mistério. A alma humilde, fiel à voz divina, penetra as cousas escondidas desde o começo do mundo.

Corrêa Lopes nos mostra o elo que une e torna inseparáveis os dois polos: o temporal e o eterno.

“Quem quiser saber o que dizem os elementos  
terá que se debruçar sobre o nosso abismo, irmãos.  
Temos o segredo da vida porque ouvimos a voz de Deus e  
bendizemos o Seu nome no silêncio de nosso alma”. (5)

Analisaremos, dentro do restrito âmbito destas linhas, os pontos extremos da obra do grande poeta que retrata uma vida de angústia, de lutas para a conquista do infinito, do eterno. Nos seus primeiros livros, Poemas de mim mesmo e Caminhos, é o viandante que vacila: forte tendência terrena, gosto pelos atrativos do mundo transitório, insatisfeito. Nos Poemas da Vida e da Morte lança-se na conquista do eterno, vendo o valor das cousas à luz da morte. O Canto de Libertação é o grito do gigante que lutou tantos anos, que sofreu tantas angústias, mas que venceu afinal.

O poeta morre e nasce a cada instante por força do amor redentor; amor que o identifica com as cousas; amor que o faz dar-se aos outros para que tenham a vida e a tenham plenamente. Usa das cousas deste mundo como se não existissem, a fim de, através delas, beneficiar a humanidade inteira, redimir os seres todos. Toda a criação precisa ser redimida pela graça e a graça se comunica aos homens e aos seres por meio dos homens. Entre os dois polos está o poeta, arauto de graça e de perdão para a humanidade. O poeta, o construtor da ponte que une o temporal ao eterno.

A análise dessa obra vai proporcionar-nos a compreensão de sua poesia. A mensagem lopesiana está toda impregnada de beleza e de espiritualidade que surge da emancipação das contingências e se eleva acima das planícies de temporalidade. Vivemos, através de sua poética, o segredo de suas lutas e ânsias por alcançar a liberdade plena. Nesse esforço de artista em transmitir-se aos outros por uma concepção de beleza e amor consiste a verdadeira poesia. Aceitamos o pen-

samento de Carlos Bousoño: "Es poético todo acto que por medio de las palabras logra hacernos vivir un contenido psíquico de otro hombre, el poeta". (6).

A análise nos intensifica o conhecimento, amplia o panorama pela observação das particularidades lingüísticas, de significação estética. Através dos elementos fonológicos, morfológicos ou sintáticos, o artista da palavra vai manifestando os traços de sua arte e os processos de seu estilo. Cada artista tem sua linguagem, tem valores especiais para cada palavra, e o seu ritmo peculiar ordena elementos e frases. A linguagem dele apresenta-se com um sentido novo. A análise nos patenteia a simplicidade do vocabulário. Muitas vezes encontramos formas do linguajar cotidiano enriquecidas de forma poética, em virtude de sábios destaques ou inesperadas associações. Poderíamos aplicar-lhe, com toda a fidelidade, o juízo crítico que Albert Henry fez de Paul Valéry: "Notre poète est d'ailleurs non pas un artiste du mot mais un symphoniste de la langue". (7).

O poeta criando, transforma a língua nos seus versos. Essa transformação constitui o real trabalho poético, como diz Carlos Bousoño: "La labor poética consiste en modificar la lengua; el poeta ha de trastornar la significación de los signos las relaciones entre los signos de la lengua porque essa modificación es condición necesaria de la poesia". (8) A linguagem é o grande bloco de mármore que o poeta modifica para estampar nele as criaturas de sua arte. Todo o esforço poético consiste em desentranhar a imagem da beleza do subconsciente do artista e encarná-la na palavra. E a imagem se faz palavra. Nem sempre é possível uma criação de novo símbolo, mas sempre acontece uma transmutação do sentido, uma metassemia, num sentido mais estilístico que semântico. Muitas vezes dá-se uma mudança da própria alma da palavra. O autor espanhol já citado, esclarece: "El poema debe ser por entero una sustitución: un sustituyente". Nesse cuidado de dar às palavras nova carga afetiva, novo sentido e alma nova, o poeta consegue imprimir à sua obra uma "ultra-razionalità", como afirma Angelo Ricci. (9). Vemos nessas expressões todas, aquilo que Bousoño diz na introdução de seu livro: "Nuestra inicial afirmación será ésta: poesía es, ante todo, comunicación establecida con meras palabras, de un contenido psíquico-sensoreo-afectivo-conceptual, conocido por el espíritu como formando un todo, una síntesis".

Corrêa Lopes é consciente, age com severidade na escolha, tanto dos vocábulos como na forma de seus poemas. Tem precisão na

expressão e no sentido dos termos. Tudo nele aparece tão discreto, tão burilado, que nos dá a idéia de um ourives no fino labor de jóias. Podemos aplicar a ele o que Adolfo Casais Monteiro diz de Fernando Pessoa: "Um poeta que domina inteiramente sua arte, isto é, que só faz o que quer". (10).

Um dos aforismos de Juan Ramón Jiménez assim examina o trabalho da poética: "Hay dos dinamismos: el del que monta una fuerza libre y se va con ella al suelto galope ciego; el del que coje esta fuerza se hace con ella, la envuelve, la circunda, la fija, la redondea, la domina". Não é outra a atitude de nosso poeta. Nele apresentamos, através da análise "o espontâneo submetido ao consciente". (11).

Em nosso trabalho de reconhecimento da poética lopsiana, utilizamos as técnicas da moderna estilística. Analisamos a expressão, utilizando parcialmente os métodos de Bally e de seus discípulos mesclando-lhes algumas orientações da escola idealista alemã com Vosler e Spitzer, complementadas com os estudos de Damásio Alonso, Carlos Bousoño e José Luís Martín. Não quisemos limitar as pesquisas e estudo pelos moldes de um sistema; preferimos lançar mão daquilo que se nos apresentava no momento, formando assim uma metodologia eclética para melhor captar as riquezas estilísticas.

Isto, sem desprezar, outrossim, os dados que nos fornece a intuição na leitura atenta e minuciosa dos poemas. Esmiuçamos os textos, tomamos partes de uns e versos de outros, para contemplar-lhes o valor dentro do conjunto da obra. A análise levou-nos a um retalhamento compensado por uma inundação de poesia como, aliás, previu o próprio poeta, com delicado humor:

"O crítico esquartejou o poeta  
e depois ficou, sem perceber,  
com as mãos, com a boca, com as ventas  
inundadas de poesia..." (12)

Foi o próprio material da análise que nos guiou ao ponto central que polariza toda a obra, que centraliza todas as vivências: o temporal e o eterno. Na grande generalidade dos poemas há o sentido do tempo que demanda a eternidade. Poesia-inquietação, em busca de paz, de quietude infinita...

Acompanharemos o poeta na contemplação da natureza, na compreensão de sua intuição do terrestre. Vê-lo-emos em contato com o humano, expressão de materialidade e de espiritualidade. Depois, a

busca do meta-humano dentro do seu "eu" e fora do seu mundo interior. É a peregrinação rumo ao transcendente sem nunca perder de vista o homem terreno.

- ( 1 ) — Ricci A., Un poeta dell' esperienza; of gráficas — Livraria do Globo; Porto Alegre, 1949.
- ( 2 ) — Castagnino R. H., El análisis literário; p. 78, Editorial Nova, B. Aires, Argentina, 1953.
- ( 3 ) — Convite, p. 50, v. 4—7, C. Ed. 58.
- ( 4 ) — Intuição, p. 181, v. 1 e 2, N. P. Ed. 58.
- ( 5 ) — A noite não nos ouve, p. 195, v. 5—8, N. P. Ed. 58.
- ( 6 ) — Bousoño C., Teoria de la Expresión poética; p. 53, Editorial Gredos, Madrid, España, 1952.
- ( 7 ) — Henry A., Langage et Poésie chez Paul Valéry; p. 26, Mercure de France, Paris, 1953.
- ( 8 ) — Bousoño C., op. cit. p. 40
- ( 9 ) — Ricci A., Umanità e popolo nella lauda del secolo XIII; p. 11, Imprensa Universitária, Porto Alegre, Brasil, 1957.
- (10) — Monteiro A. C., Estudo sobre a poesia de Fernando Pessoa; p. 86, Agir Editora, Rio de Janeiro, 1958.
- (11) — Dias — Plaja G., Juan Ramón Jiménez en su poesia; p. 65, Aguilar, Madrid, 1958.
- (12) — O crítico esquartejou, p. 196, N. P. Ed. 58.

## BIBLIOGRAFIA DE PAULO CORRÊA LOPES

### POESIA:

Penumbra. São Paulo, Oficinas d' "O Estado de São Paulo", 1919.

Poemas de mim mesmo. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1931.

Caminhos. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1932.

Poemas da vida e da morte. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1938.

Canto de libertação. Porto Alegre, Tipografia do Centro, S.A., 1943.

Obra Poética. Porto Alegre, IEL RGS, 1958.

### PROSA:

Um caso estranho. Porto Alegre, ed do autor, 1942.

O sapo ferreiro. Porto Alegre, Tip. Thurmann, 1942. Segunda edição: Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1951.

As aventuras de um ratinho branco. Porto Alegre, Edições "A Nação", 1944. Segunda edição: 1948.